



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

SAMARA DOS SANTOS

**ALDEIA MANGA, DA TRAJETÓRIA DE VINDA DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS AO
CONTEXTO ATUAL: ALGUMAS REFLEXÕES**

OIAPOQUE-AP
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMPÁ
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

SAMARA DOS SANTOS

**ALDEIA MANGA, DA TRAJETÓRIA DE VINDA DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS AO
CONTEXTO ATUAL: ALGUMAS REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a conclusão do Curso, sob orientação da Professora Mestra Silvana Costa Santa Rosa.

OIAPOQUE-AP
2019

ALDEIA MANGA, DA TRAJETÓRIA DE VINDA DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS AO CONTEXTO ATUAL: ALGUMAS REFLEXÕES

Acadêmica: Samara dos Santos

Orientadora: Profa. Ma. Silvana Costa Santa Rosa

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso trata sobre o histórico de fundação da Aldeia Manga, com ênfase no processo de transição da primeira família que habitou definitivamente a comunidade e no contexto atual da aldeia. A escolha do tema se deu devido a meu pertencimento à etnia Karipuna, por ser moradora da aldeia Manga e ser bisneta do senhor Florêncio Primo dos Santos, fundador da aldeia Manga, como também neta do senhor Teodoro dos Santos, genro de Florêncio Primo dos Santos, que participou da fundação da aldeia. A pesquisa é do tipo descritiva com abordagem qualitativa, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas e a análise dos dados segue a análise narrativa. Um longo percurso foi percorrido no processo histórico da formação da Aldeia Manga, desde a chegada das primeiras famílias, na procura terra fértil para plantio, até os dias atuais, quando a comunidade se configura como a maior Aldeia da Etnia Karipuna, com o porto mais importante para os povos indígenas de Oiapoque, pois a rota mudou totalmente o acesso à sede município.

Palavras-Chave: Aldeia Manga; histórico de formação; primeiras famílias.

Introdução

A Aldeia Manga está localizada as margens do Rio Curipi, na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque no Amapá. Essa comunidade indígena é uma das principais aldeias da etnia Karipuna e uma das principais rotas de acesso a sede do município de Oiapoque. Pelo porto da aldeia Manga, entram e saem indígenas que vivem em diversas aldeias ao longo dos rios Curupi, Uaçá e Urucaú.

Para conhecermos a história da Aldeia Manga é importante entender a trajetória de vida do povo indígena Karipuna. Percorrendo a linha histórica da vida desse povo, contada pelos indígenas mais antigos e por diferentes estudos, os

Karipuna são indígenas que vieram do estado do Pará, região litorânea conhecida como “salgado paraense¹”.

Segundo Tassinari, (2003, p. 111) “a história da população Karipuna do rio Curipi é quase inteiramente desconhecida [...], consideram que a população [...] formou-se por refugiados da Cabanagem²”. Com base em diálogo com alguns Karipuna antigos, o povo é bem mestiço, não somente de brasileiros, mas também de estrangeiros como: franceses, holandeses, colombianos, bolivianos, entre outros. Com base nessas informações, podemos entender que os Karipuna se tornaram com o passar do tempo um povo heterogêneo, formado a partir da mistura de outras nações.

A escolha desse tema ocorreu devido a meu pertencimento à etnia Karipuna, por ser moradora da aldeia Manga e ser bisneta do senhor Florêncio Primo dos Santos, fundador da aldeia Manga, como também neta do senhor Teodoro dos Santos, genro de Florêncio Primo dos Santos, que participou da fundação da aldeia.

Florêncio não era um senhor muito envolvido no movimento indígena e por esse motivo o nome dele não tem tanta repercussão histórica, como de Manoel Primo dos Santos, que inclusive era seu irmão e que ficou conhecido por ser um líder bastante atuante. Senti-me motivada em desenvolver esse tema, para dar destaque à importância de Florêncio Primo dos Santos, que, no meu ponto de vista se deve respeitar por ser o fundador deste lugar, que hoje se chama “Aldeia Manga”.

A Aldeia Manga está situada no município de Oiapoque-AP, na Terra Indígena Uaçá. Esta Terra Indígena tem 470.164 hectares e foi homologada pelo Decreto 298, de 29 de outubro de 1991. Mesmo sendo uma aldeia Karipuna, moram alguns indígenas de outras etnias como: Galibi-Marworno e Palikur que já formaram família com o povo Karipuna, bem como, alguns não indígenas, tanto homens quanto mulheres que se casaram com indígenas e formaram família. Sua população é de 835 pessoas de acordo com o censo da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

¹Micro região localizada no nordeste do estado do Pará, as cidades que fazem parte dessa região são: Vigia, Salinópolis, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João de Pirabas, São Caetano de Odivelas, Colares, Terra Alta, Magalhães Barata, São João da Ponta.

² A Cabanagem foi uma revolução social que dizimou boa parte da população amazônica e abarcou um território muito amplo. Contrastando com este cenário amplo e internacional, foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil (RICCI, 2006).

atualizado do ano de 2017, dividido em 190 famílias, são falantes da língua indígena kheuól e da língua portuguesa.

A região é de terra firme com campos alagados e florestas cortadas por rios, igarapés, lagos e ilhas, esses lugares são explorados para a caça, pesca e roças, pois, é uma região de solo fértil (VIDAL, 2009).

Quanto à subsistência da população, a maioria dos moradores trabalha na agricultura, com diversos tipos de plantios, alguns com a pecuária, algumas pessoas são funcionários públicos nas esferas municipal, estadual e federal Mas o micro negócio está cada vez mais crescendo nessa aldeia, na qual se destacam: o comercio; padaria; venda de churrasco, marretagem de roupa ,venda de lanches, entre outros.

Os Karipuna moradores da aldeia Manga são considerados os mais misturados com outros povos dentre as demais etnias, por conta da proximidade com a sede do município de Oiapoque (18 quilômetros de distância pela BR 156), e por ser a única aldeia indígena da região que é atendida pelo sistema de abastecimento elétrico da cidade durante 24h, as demais aldeias como são distantes, possuem motores termoeletricos, que funcionam no máximo 6h por dia. Esse fato também acabou influenciando nos hábitos e costumes dos moradores da aldeia Manga.

O objetivo deste trabalho é apresentar o histórico de fundação da Aldeia Manga, com ênfase no processo de transição da primeira família que habitou definitivamente a referida aldeia, enfatizando a importância de se morar neste lugar, tendo em vista que o nome e a história do líder que fundou a aldeia é pouco falado, existe pouco material publicado sobre o verdadeiro fundador da aldeia Manga.

Essa pesquisa é do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com três moradoras da aldeia Manga, duas fundadoras e uma moradora atual, fazem parte dos dados, relatos etnográficos pessoais. A análise dos dados se deu por meio da análise narrativa (Bolivar, 2002) na qual o objetivo é produzir uma narrativa que apresenta sutilezas, singularidades dos dados que são produzidos por meio de um relato que oferece detalhes e peculiaridades do modo como os entrevistados produzem significados.

O artigo está estruturado em três partes. Na primeira parte, intitulado “Os aspectos históricos dos Karipuna e sua vinda para o Curipi”, procuro desenvolver

uma abordagem histórica sobre a trajetória inicial do povo pertencente à etnia Karipuna, até a sua permanência no Curipi.

Na segunda parte, nomeada “Histórico de acesso ao Município de Oiapoque e o papel do porto da aldeia Manga para a região do Uaçá”, procuro descrever, através de revisão de literatura e de uma descrição etnográfica, a importância, o papel e as características que essa aldeia tem dentro da região indígena do Uaçá.

No terceiro momento, a que estou chamando “Origem da Aldeia Manga” construído com base nos resultados obtidos nas entrevistas, em relação ao contexto histórico de formação da aldeia Manga e a concepção atual da aldeia manga.

OS ASPECTOS HISTÓRICOS DOS KARIPUNA E SUA VINDA PARA O CURIPI

Este tópico aborda sobre a trajetória histórica do povo Karipuna a partir do século XIX. Tassinari (2003) alega que, desde o início dos anos 1600 já existe relatos publicados por alguns pesquisadores franceses da época, sobre a etnia Karipuna, dentre eles se destacam Jean Mocquet, que publicou o livro em 1617 e Pierre D'Avity, que publicou em 1643, que os chamou de *Caripous*, quando chegaram à região de Oiapoque, através de expedições.

Com base em conversas com indígenas antigos, o principal motivo da migração do povo, que mais tarde se chamaria Karipuna, se deu por conta da “guerra da cabanagem”, nessa época várias famílias fugiram para a região de Oiapoque e acabaram se instalando no baixo rio Oiapoque e mais tarde se transferiram para o rio Curipi, na Terra Indígena Uaçá, sendo este o nome citado pela maioria dos estudiosos da época.

Nesse período, os Karipuna eram conhecidos como brasileiros que moravam no Curipi, ou seja, ainda não era atribuído o termo indígena. Atualmente a população Karipuna é considerada uma etnia heterogênea, formada por vários povos, sendo estes brasileiros de vários estados, bem como, algumas nações estrangeiras, que contribuíram de forma significativa para a formação desta etnia, que se autodenomina Karipuna, como se percebe na descrição da APIO (2009, p.11),

Os Karipuna são uma população heterogênea do ponto de vista étnico, prevalecendo famílias de origem brasileira provenientes do salgado paraense e ilhas do Amapá ou de lugares mais longínquos, que se misturaram a uma população local predominantemente indígena.

Como dito, estudos mais recentes enfatizam que o povo Karipuna migrou de outros lugares do Brasil para a região de Oiapoque, porém, mas, há relatos de que os Karipuna já habitavam a região de Oiapoque desde o início do ano de 1600. Assim, pode afirmar que o povo Karipuna migrou de outros estados, mas que já existia a século atrás morando na região de Oiapoque, pois, Ruffaldi e Spires (2006, p.11) afirmam que “volta a aparecer em documentos do século XIX, como grupo reduzido de famílias habitantes do baixo Oiapoque [...]”.

Ocorreu uma intensa migração de outros indígenas e não indígenas do século XIX, que vieram de vários lugares e acabaram convivendo com os indígenas Karipuna já existentes na região de Oiapoque e formaram novas famílias.

Tassinari (2003) explica que com relação a essa migração, se faz necessário refletir sobre a cultura dos primeiros indígenas a habitar esta terra chamada de Brasil, onde habitavam um lugar de acordo com o que a natureza podia lhes oferecer e quando ficava escasso o alimento da natureza, se deslocavam para outro lugar de maior fartura, por esse motivo o povo indígena ficou conhecido como uma nação nômade. Logo, fica a entender que o nomadismo tem influenciado a trajetória de vida dos primeiros indígenas Karipuna que migraram para a região de Oiapoque.

Portanto, não tem como descartar a hipótese de que o atual povo Karipuna é heterogêneo, pois são vários os povos que colaboraram para a formação da atual etnia, dentre eles, se destacam: indígenas de vários povos, não indígenas, principalmente do estado do Pará e estrangeiros, como, portugueses, franceses, holandeses, bolivianos, colombianos, árabes, guianenses, bem como de outras etnias indígenas. Então, todos esses povos contribuíram para a formação da etnia Karipuna.

Por conta dessa mestiçagem os indígenas da etnia Karipuna, sempre foram vistos e chamados de indígenas avançados, os próprios indígenas são sabedores de sua história de formação, pois:

O termo 'Karipuna' é usado como autodenominação por essa população e indica uma identidade de 'índios misturados' ou 'avançados', que é tanto atribuída como assumida pelas famílias Karipuna. A noção de 'mistura' expressa pelas famílias refere-se à sua origem heterogênea, bem como às constantes alianças que estabelecem com indivíduos ou famílias estrangeiras (TASSINARI, 2003, p.16).

Portanto, o povo Karipuna é um povo heterogêneo em sua cultura e formação social, que em hipótese alguma negou a identidade de ser indígena, apesar da mestiçagem, o defende com severidade e sempre lutou para que seus direitos fossem garantidos.

Sobre sua língua materna não se tem informação exata. Alguns Karipuna bem antigos afirmam que seus antepassados falavam uma língua de nome Karipuna, mas que a mesma foi perdida há muitos anos atrás. Inclusive os pajés dizem que algumas das palavras que se fala no momento do ritual do Turé são 'Karipuna', mesmo não sendo uma informação fidedigna, tudo indica que a etnia Karipuna tinha sua língua própria.

Tassinari (2003) alega, com base em estudos de um autor desconhecido, que "Karipuna" não designava uma etnia, mas era conhecida como a língua geral do Brasil, também conhecida como língua geral tupi, sendo que as pessoas que falavam o Karipuna eram brasileiras. Para entender melhor o porquê os Karipuna falavam a língua geral do Brasil, a mesma autora esclarece que,

[...] no início do século XIX, os falantes da língua Geral são aqueles descendentes de índios de várias etnias que passaram nos séculos anteriores pela experiência das missões e aldeamentos e, na ocasião, encontravam-se relativamente isolados do poder, do controle colonial/imperial e das políticas de erradicação do Nheengatu. População "mista", composta por descendentes de índios, portugueses e negros, exatamente a conjunção que forma o "povo brasileiro". População. [...]. (TASSÍNARÍ, 2003, p.139).

"Nheengatu" naquela época, era uma língua que as pessoas falavam para se comunicar, mas não tinha definição, se era língua dos indígenas ou dos não indígenas, porém, era falada pela classe menos favorecida, ou seja, pela classe considerada pobre no século XIX, sendo que a língua sofria variação de acordo com a fala de cada povo. Então, a população Karipuna do século XIX, por ser considerada uma etnia heterogênea, logo falava a língua geral do Brasil.

Atualmente a língua falada pelos Karipuna é o *kheoul*, ou patuá, Gallois e Grupioni (2009, p. 51) enfatizam que,

Falantes de línguas crioulas: Karipuna e Galibi Marworno

A língua adotada por esses dois grupos da região do Uaçá é o *kheoul*, ou patuá, falado em toda a bacia do rio Oiapoque, com algumas variações. Consta que os antepassados dos Karipuna falassem português, francês e nhengatu, porém o patuá é a língua que tomou vigor entre os atuais Karipuna.

Diante do exposto, fica claro que a língua kheoul, ou patuá, foi adquirido, a partir do intenso contato com o povo da Guiana francesa. Os próprios indígenas mais antigos afirmam que a língua kheoul é o próprio crioulo da Guiana Francesa, mas que houve algumas adaptações com base na língua portuguesa, ou melhor, há uma variação linguística, de acordo com o povo falante, pois, além dos Karipuna, a etnia Galibi Marworno também é falante do kheoul.

Para entender melhor o porquê os Karipuna adotaram o crioulo como língua indígena se faz necessário enfatizar que no século XIX a região de Oiapoque ainda não era definitivamente território brasileiro. Logo, o guianense também habitava essa região, que mais tarde se chamaria município de Oiapoque. Nesse sentido, os próprios brasileiros que moravam em Oiapoque acabaram aprendendo a falar a língua crioula, tanto é que, Andrade (1988, p. 32), enfatiza que, “não crioulos que moram no Oiapoque falam relativamente bem a lanc-patuá [...]”. O não crioulo, ao qual a autora se refere, são os brasileiros, moradores de Oiapoque.

Conforme a revista “Mensageiro” de 1980, devido o contato dos indígenas com o povo de Oiapoque e principalmente do grande acesso dos crioulos às aldeias em busca de ouro e demais especiarias, os Karipuna acabaram se tornando falantes da língua crioula e a adotando como língua usual. Com isso, acabaram adotando a língua, que passou a ser denominada de língua patuá ou kheoul e que atualmente é considerada língua materna (indígena) desta etnia.

Essa mestiçagem nos ajuda compreender algumas das manifestações culturais desenvolvidas pelos Karipuna, como por exemplo, as “festas de santos” igreja Católica, comemoradas na maioria das aldeias, nelas acontece o baile dançante com uma diversidade de ritmos e músicas brasileiras e guianenses. Não vemos muitas diferenças das festas que acontecem na cidade, porém, durante as festas na aldeia, tem todo um ritual que se diferenciam bastante das festas comemoradas na cidade. Por exemplo, para entrar em uma casa de festa na cidade tem que pagar, a bebida e a comida são compradas e tem horário para o fim da festa, enquanto que na aldeia, não se paga para permanecer na festa, a comida e bebida são oferecida de graça pelos festeiros e a festa só acaba quando não tem mais ninguém no salão para dançar.

Os estudiosos do século XIX utilizam somente o termo “Curipi”, quando mencionam o local de morada dos indígenas Karipuna, o que dar a entender que

Curipi era o nome da reserva deste povo, mas era o nome do rio, na qual se fixaram em meados do século XIX e que atualmente está concentrada nesta área a maioria dos indígenas pertencentes à etnia Karipuna, pois, Gallois e Grupioni, (2009, p. 38) declaram que:

A maior parte da população Karipuna encontra-se nas margens do rio Curipi, principalmente no seu baixo e médio curso. Além das quatro aldeias maiores e principais – Manga, Espírito Santo, Santa Izabel e Açaizal -, existem treze pequenas localidades residenciais dispersas ao longo do rio Curipi, mas estreitamente relacionadas às quatro aldeias maiores.

O termo “rio Curipi” só veio ser usado a partir do ano de 1936, citado no relatório de Luís Thomas Reis, “o relatório produzido pela comissão não só aponta os Caripunas como habitantes do Curipi como mostra que possuíam um Tuxáua, da mesma forma que os habitantes dos outros rios”. (TASSÍNARÍ, 2003, p.141).

Não se tem informação exata sobre o nome da primeira aldeia, habitada pelos Karipuna, porém, a informação mais precisa é que os indígenas iam habitando em vários lugares ao longo do rio Curipi, mas que não permaneciam por muito tempo e se mudavam. No caso da primeira maior aldeia formada pelos Karipuna foi a aldeia Karipurá. Lá moraram por vários anos, depois foram abandonando o local e subiram o rio Curipi, habitando em vários lugares.

Porém, segundo as informações que obtive, antes de existir o Karipurá, já tinha existido outras grandes aldeias. Logo a segunda maior aldeia formada foi a aldeia Laranjal e que mais tarde passou a ser chamado de Espírito Santo. Atualmente em Karipurá não mora mais ninguém, enquanto que Espírito Santo é considerada uma das maiores aldeias da etnia Karipuna.

Assim, os Karipuna foram construindo sua identidade, morando em vários lugares ao longo do rio Curipi e alguns desses lugares só ficaram os nomes em homenagem ao líder da família, ou seja, do primeiro morador. O mais interessante é que em alguns dos lugares que foram abandonados há muitos anos atrás, atualmente estão sendo reabitados por algumas famílias como, por exemplo, a aldeia Japim que foi habitado há muitos anos atrás e no ano de 1993, foi reabitada pela família de seu Ivan, que saíram do manga para morar neste local e mais recentemente foi criada a aldeia Benoá, pois neste lugar já haviam morado pessoas antigamente.

Como já citado anteriormente, os Karipuna estabeleceram relação com vários povos desde indígenas de outras etnias, bem como, não indígenas, brasileiros e estrangeiros, dentre esses povos é importante destacar a relação com o povo da Guiana francesa, pois, alguns guianenses se casaram com indígenas e formaram famílias.

Nos dias de hoje ainda é muito comum o casamento entre indígenas e guianenses. Tanto é que algumas aldeias são de nome guianense, que ficou em homenagem ao primeiro morador do local, como no caso da aldeia Txipidon, na qual Tassinari (2003, p.185) alega que “os Karipuna mais antigos não chegaram a conhecer o “velho Txipidon”, crioulo que deu o nome ao local”. Os próprios indígenas mais antigos falam sobre o contato dos crioulos com o povo Karipuna, pois os crioulos exploraram muito ouro nas terras onde os indígenas habitavam.

Além dos guianenses, outros povos passavam pela região do Uaçá e acabavam fazendo amizade com o povo e ficavam morando, se casavam e formavam famílias. Diante do exposto se percebe o porquê a miscigenação está explícita na fisionomia de muitas famílias Karipuna, como a família de seu Manoel primo dos santos, que são todos de estatura alta, pele, cabelos e olhos claros, e muitas pessoas dizem que eles não são indígenas.

Portanto, isso é prova de que o povo Karipuna é um povo miscigenado, onde a fisionomia e aparência dos indígenas não conseguem afirmar se são índios ou não, o que importa é que nasceram e moram na terra indígena e valorizam sua cultura. Contudo, a etnia Karipuna tem sua cultura própria e uma língua, que apesar de ter sido adquirida há muitos anos atrás, se tornou língua materna deste povo.

Logo, os “brasileiros do Curipi”, como foi citado pelos estudiosos do século XIX, não existem mais, isso ficou no passado histórico deste povo, que hoje é conhecido como etnia Karipuna. Cada aldeia tem seu modo de viver, com suas manifestações culturais, que vem sendo fortalecida cada vez mais.

É importante ressaltar que o povo chamado de “brasileiros do Curipi”, passaram a ser reconhecido definitivamente como cidadãos indígenas, no ano de 1927, quando foi realizada uma viagem da Comissão de Inspeção de Fronteiras, do Ministério da Guerra. A partir de então, a Comissão identificou o povo Karipuna como ‘indígenas, de acordo como explica Tassinari (2003, 141-142),

É interessante notar que somente em relação aos Caripunas surge o termo “índios”, justamente porque Reis preocupa-se em mostrar que “são ainda índios”, o que justifica de forma negativa, pela “inexperiência e ingenuidade”. Naquele contexto político, isso é o suficiente para definir a população como “indígena” e submetê-la à tutela do SPI.

De acordo com o que a autora expressa, o povo Karipuna naquela época tinha um comportamento diferente da nação brasileira, considerada civilizada, apesar de já terem contato há muitos anos com o povo não indígena. Nesse contexto, os Karipuna passaram a ser reconhecidos definitivamente como um povo indígena. É importante ressaltar que sempre foram indígenas, mas, que do ponto de vista legal só foram reconhecidos como tal a partir do ano 1927.

Em 1930 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), passou a atuar nas terras indígenas do município de Oiapoque, instalou seu primeiro Posto Indígena (PI) no local chamado Encruzo, onde acontece a confluência dos rios Curipi e do Uaçá. A partir de então, passou a ser habitado pela família da pessoa que foi designado para chefiar o (PI), pois o encruzo é um local estratégico, para vigiar a entrada de invasores na área indígena via marítimo.

Um ponto importante a ser destacado nesse contexto é com relação à educação escolar, que teve início a partir do ano de 1934 e funcionou primeiramente na aldeia do Espírito Santo, sendo esta, uma das aldeias mais antigas, que atualmente é habitada pelos indígenas desta etnia. A escola naquele tempo ficou a cargo do estado, porém, não durou muito tempo e em 1937 foi desativada. Mais tarde, em 1945 a escola retornou, mas ficou sob responsabilidade do SPI. Nessa época a escola, tinha o principal propósito inserir o índio à sociedade nacional, ou seja, para que o indígena perdesse sua cultura e deixasse de falar sua língua. Pois:

É preciso reconhecer que no Brasil, do século XVI até praticamente a metade deste século, a oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas esteve pautada pela catequização, pela civilização e pela integração forçada dos índios à sociedade nacional. Dos missionários jesuítas aos positivistas do Serviço de Proteção aos Índios, do ensino catequético ao bilíngüe, a tônica foi sempre negar a diferença, assimilar os índios, fazer que se transformassem em algo diferente do que eram. Nesse processo, a instituição da escola entre grupos indígenas serviu de instrumento de imposição de valores alheios e negação de identidade e culturas diferenciadas (GRUPIONI, 2001, p. 41).

Portanto, a escola tem influenciado muito no aspecto cultural do povo Karipuna, por ter tentado impor hábitos que não fazia parte da cultura deste povo. Minha avó Constância estudou naquela época e confirmou que isso realmente

aconteciam, e ela afirma que a professora Verônica, que foi a primeira professora, proibia os alunos de falarem em Kheóul. Logo, se atualmente os Karipuna apresentam várias características não indígenas é porque há muitos anos foram influenciados de forma significativa pela escolarização.

Nos dias de hoje não é diferente do que acontecia no século XIX e XX, onde os Karipuna ainda mantêm o hábito de se relacionar e formar famílias com outros povos, o que tudo indica que seja um costume trazido de muitos anos atrás. Inclusive muitos Karipuna formam família e saem da aldeia para morar na cidade, tanto no Brasil como no estrangeiro, de preferência na Guiana francesa.

Portanto, se hoje os Karipuna apresentam aspectos que os diferenciam dos demais povos indígenas da região de Oiapoque é porque tem todo um contexto histórico por trás disso, porém, este povo mantém sua cultura viva. E atualmente o povo Karipuna é a maior população indígena da região de Oiapoque e habitam tanto o rio Curipi, onde se concentra a maior parte de sua população, como a BR 156 e o rio Oiapoque.

Todas as aldeias Karipuna têm seus hábitos e lutam para preservá-los, bem como, lutam politicamente pela garantia de seus direitos. O povo Karipuna também está sendo influenciado diretamente pelas mudanças na sociedade nacional, sem deixar de praticar no dia a dia os hábitos os diferenciam do não indígena. Nesse sentido, o fato de acompanhar as transformações do mundo globalizado não significa que este povo deixa de ser indígena, pois as tecnologias podem facilitar a vida e o trabalho dos indígenas, assim como de qualquer outro povo.

HISTÓRICO DE ACESSO DOS INDÍGENAS AO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE E O PAPEL DO PORTO DA ALDEIA MANGA PARA A REGIÃO DO UAÇÁ

Historicamente quando os indígenas que habitavam a Reserva Indígena Uaçá, especificamente os povos indígenas da etnia Karipuna, que moram nas margens do rio Curipi, os Galibi Marworno, que moram na aldeia de Kumarumã (rio Uaçá), e os da etnia Palikur, que moram nas margens do rio Urukauá, sempre se deslocaram ao município de Oiapoque via marítimo, pelo oceano, as viagens eram feitas em canoas a remo ou à vela, e passavam vários dias viajando.

Nesse período o acesso ao município, era muito difícil, mas as pessoas tinham que chegar à cidade para comprar alguns produtos industrializados que eram

de grande importância para a subsistência, não só iam para comprar produtos industrializados, como tinham que vender seus produtos agrícolas para obtenção da renda.

Nesse contexto, era muito comum o não índio ter acesso às comunidades indígenas e levavam produtos industrializados para comercializar nas aldeias, logo, eram conhecidos como marreteiros e/ou regatões. Na maioria das vezes, deixavam suas mercadorias para alguns indígenas revenderem, mas o problema é que nessa época, a maioria dos indígenas tinha pouco conhecimento acerca da comercialização e acabam sofrendo ato de exploração. Como se percebe no depoimento de Nello Rufaldi, nele afirma que os marreteiros:

[...] deixavam mercadoria na aldeia para outro índio revender. Então, principalmente em kumarumã, tinha o comércio do Felizardo, do Ribeiro, do Macial, tinha 7 ou 8 comércios se apoiando num marreteiro ou outro. Não era só exploração, mas o jeito de explorar, aí já não era o marreteiro que vendia, mas um índio para o outro e nisto a gente via um perigo muito grande. (RICARDO, 1984, p.14).

A entrada desses regatões/marreteiros ocorreu durante muitos anos, principalmente no rio Uaçá e Urukauá. Já no rio Curipi dificilmente entravam marreteiros, porque, o líder Manoel Primo dos Santos, mais conhecido como seu “Coco”, em meados do ano de 1940, fundou a aldeia Santa Isabel e se tornou um grande comerciante na área do rio Curipi, comprava produtos diretamente de Belém para revender aos seus conterrâneos indígenas. Além de revender os produtos industrializados também comprava couro de jacaré e ouro dos próprios indígenas. Essa compra acontecia tanto com dinheiro, como também com a troca de produtos industrializados.

Para facilitar seu trabalho, Manoel primo dos santos:

Construiu um bote para transportar seus produtos até a cidade do município de Oiapoque onde vendia seus produtos e trazia mercadorias da cidade para vender aos indígenas. Em pouco tempo começou a crescer o comércio de seu Côco. Aumentando ainda mais quando abriram a matança de animais para tirar o couro. Com a compra e venda de couro, principalmente de jacaré, o seu patrimônio triplicou. Construiu uma casa grande, aumentou o seu comércio, sua fazenda e seu pomar (PPP ESCOLA MANOEL PRIMO DOS SANTOS, 2015, p.28).

Diante do exposto, percebe-se, que a prática de comércio nas aldeias gerenciado pelos próprios indígenas acontece a muitos anos, porém, essa é uma

prática influenciada pelo não indígena, a partir do contato com as comunidades indígenas.

Em meados dos anos 70 o padre Nello Ruffaldi, então coordenador do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), começou a atuar nas comunidades indígenas, desenvolvendo um trabalho em prol dos direitos dos povos indígenas. Nessa ocasião, percebeu essa prática de comércio nas aldeias e identificou que acontecia um ato de exploração, de imediato, para tentar solucionar o problema, o padre teve a ideia de fundar uma cooperativa com o principal propósito de acabar com essa venda ilegal, que na maioria das vezes acontecia exploração, então:

[...] desde o 1975 os Galibi do Uaçá (Amapá) iniciaram uma cooperativa para se defenderem da exploração dos regatões e preservar o próprio sistema comunitário de vida. O exemplo dos Galibi do uaçá foi seguido pelos karipuna, Palikur e regionais que hoje formam uma confederação de 07 cooperativas. (O MENSAGEIRO, 1980, p.11).

Portanto, o objetivo principal com a criação da cooperativa era acabar com a venda dos regatões nas comunidades, como se percebe no depoimento do próprio padre onde diz que, “com a cooperativa, tínhamos a ideia de tirar a exploração e também a influência dos marreteiros que além de explorar, levavam cachaça, aproveitavam das mulheres, isto, é, um contato prejudicial ao índio” (RICARDO, 1984, p.14).

A partir de então, o padre sempre desenvolveu um trabalho de apoio a esses povos. Iniciou seu trabalho levando alguns líderes indígenas da região de Oiapoque para participar da segunda Assembleia Nacional dos Chefes Indígenas do Brasil, que aconteceu em 1975 na Aldeia Missão Cururu, localizada no município de Jacareacanga no Estado do Pará.

Após o retorno da Assembleia Nacional, Nello Ruffaldi motivou os indígenas a fazer uma assembleia local, somente dos povos indígenas de Oiapoque. Então, a 1ª assembleia local dos povos indígenas da região de Oiapoque ocorreu no ano de 1976, na aldeia de Kumarumã, da etnia Galibi Marworno. Durante a 1ª assembleia local, o padre lançou a proposta de implantação de cooperativas em todas as aldeias, logo, no mesmo ano foi implantada a Cooperativa na aldeia de Kumarumã.

Uma grande mudança ocorreu somente a partir do ano de 1968, já com a abertura do pico do ramal da aldeia Manga, o qual liga a aldeia à BR 156, que facilitou bastante a ida dos indígenas moradores do rio Curipi para chegar até a

cidade de Oiapoque. Sendo que nesse contexto, a maioria das pessoas vinham de canoa até o porto do Manga e para chegar ao Oiapoque tinham que andar até a BR 156 e de lá pegavam carona até a cidade.



Figura 1: Porto da Aldeia Manga
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos



Figura 2: Porto da Aldeia Manga
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

Por volta dos anos de 1980 veículos como carros já entravam até a aldeia Manga. Muitas coisas mudaram devido à facilidade de acesso ao município de Oiapoque. A partir desse momento o porto do Manga passou a ser um local de entrada e saída de muitos indígenas moradores das margens do rio Curipi. Já os

Galibi Marworno do rio Uaçá e os Palikur do rio Urukauá não passavam pelo porto do Manga.

Já por volta dos anos de 1990, algumas embarcações vindas do rio Uaçá e Urukauá começaram a passar pela aldeia Manga. Naquela época os únicos transportes eram barcos e alguns motores de popa que chegavam no porto, as embarcações com motores de popa era mais dos órgãos públicos, como FUNAI, Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), CIMI, entre outros, enquanto que as pessoas das aldeias costumavam vir de barco. Porém, muitas pessoas vinham na sua própria canoa a remo.

Com a abertura do ramal da aldeia Manga, nos anos 80, foi destinado um caminhão para levar os indígenas para fazer sua feira na cidade, que aconteciam nos dias de segunda-feira e sexta-feira, na ocasião os indígenas vendiam produtos agrícolas, bem como compravam seus produtos industrializados para consumir na aldeia.

No final dos anos 1990 alguns indígenas que eram funcionários públicos na área da educação, saúde e FUNAI, começaram a comprar seus motores de popa e voadeira, o que facilitou o acesso ao porto do Manga.

Atualmente, a maioria dos indígenas que moram nas margens dos rios têm motores de popa e voadeira. Nesse sentido, é grande a chegada de pessoas vindas de outras aldeias e que deixam seus motores com voadeiras no porto da aldeia Manga, para se deslocarem para a cidade de Oiapoque ou outros lugares. No caso dos indígenas que moram nas aldeias do rio Curipi, geralmente vão ao Oiapoque e retornam no mesmo dia, já os que moram na aldeia Kumarumã, da etnia Galibi-Marworno, e os da etnia Palikur, geralmente passam de 3 ou mais dias em Oiapoque.

Diante do exposto se percebe que a aldeia Manga é um local de entrada e saída da maioria das aldeias situadas na Terra Indígena Uaçá. É nesse sentido que a aldeia acaba sendo muito importante para os povos indígenas dessa região, pois vários eventos, em que participam todos os povos localizados no município de Oiapoque, já foram realizados na aldeia Manga, pelo fato de o acesso ser mais fácil e o gasto em si é menor, como se percebe na fala de (Ricardo, 1984, p. 65), que:

A aldeia Manga está localizada na parte alta do rio Curipi, na margem esquerda, em região de floresta. Trata-se da vila mais próxima da cidade de

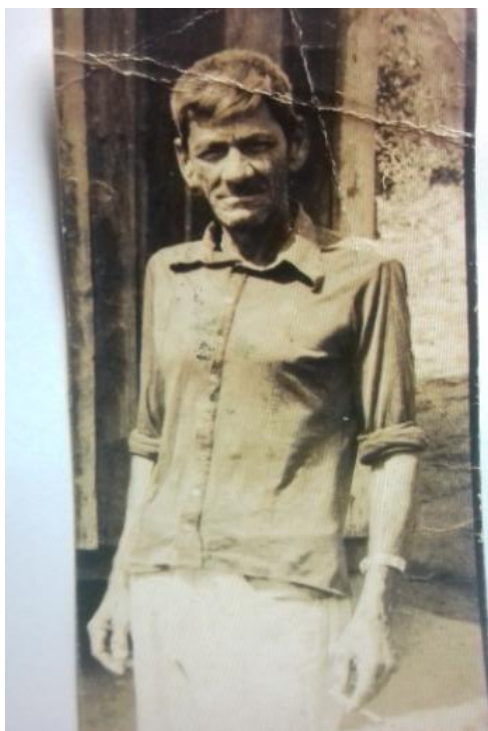
Oiapoque, ligando-se a esta pelo ramal do Manga, numa distância de 28 quilômetros aproximadamente” (Ricardo, 1984, p. 65).

Um exemplo disso, aconteceu em fevereiro e março de 2017, quando dia 10 iniciou a a XXV Assembleia de avaliação e planejamento dos povos indígenas de Oiapoque” e logo em seguida, nos dias 10, 11 e 12, do mês de março de 2017, foi realizada a etapa local da II Conferencia Nacional de Educação Escolar Indígena, sendo estes, dois eventos de suma importância para consolidar a política indigenistas desses povos. Portanto, com base no exposto, evidencia-se que a Aldeia Manga tem uma representatividade importante para a reserva indígena Uaçá.

FORMAÇÃO DA ALDEIA MANGA

Esse tópico foi desenvolvido com base nos resultados obtidos nas entrevistas, em relação ao contexto histórico de formação da aldeia Manga e a concepção atual da aldeia manga. Como dito, as entrevistas foram feitas com três moradoras locais, que fazem parte das primeiras famílias que moraram na região, quais sejam: **Constância Monteiro dos Santos**, esposa de Teodoro dos Santos, um dos pioneiros, genro de Florêncio Primo dos Santos. **Margarida Monteiro dos Santos**, esposa de Olímpio Forte um dos pioneiros. **Eulinda dos Santos**, filha de Constância e Teodoro, era criança quando chegou na Aldeia Manda.

Primeiramente irei descrever um pouco sobre a biografia de Florêncio Primo dos Santos (Figuras 3), fundador da Aldeia Manga. Nasceu no dia 7 de novembro de 1919 em um lugar chamado Sorda, próximo à aldeia do Espírito Santo, na Terra Indígena Uaçá, localizada no município de Oiapoque-AP. Era filho de Mario Cousen, de descendência francesa e Maria Vitória Santos, indígena pertencente à etnia Karipuna. Seu pai faleceu quando ainda era pequeno, foi criado pela sua mãe, tendo apoio de seu irmão mais velho, Manoel Primo dos Santos conhecido por “Coco”



Figuras 2 e 3: Florêncio Primo dos Santos
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

Casou-se com dona Divina dos Santos quando estava com aproximadamente 19 anos e passaram a viver na Aldeia Santa Izabel, onde moraram por muitos anos, até se mudarem para a Aldeia Manga.

Esta foi sua única esposa e da relação nasceram 10 filhos, sendo que 3 faleceram ainda pequenos. Seu Florêncio não frequentou a escola formal, porém, aprendeu a ler e escrever sozinho, sempre gostou muito de ler livros diversos e a Bíblia. Não gostava de se envolver em política, por isso não quis ser cacique, sempre deu oportunidade aos outros. Trabalhou desde sua adolescência na agricultura, com a plantação de diversos produtos agrícolas e mais tarde, já na fase adulta trabalhou com a extração de ouro, juntamente com um crioulo chamado Timor, isso quando ainda morava na aldeia de Santa Izabel.

Já morando na Aldeia Manga, no ano de 1977, o padre Nello Ruffaldi, representante do CIMI, criou uma cooperativa na aldeia, nesta ocasião, seu Florêncio foi convidado para trabalhar na cooperativa como vendedor, onde trabalhou por alguns anos. Nesse período, seu Florêncio começou a sentir câibras nas pernas, com o passar do tempo, foi piorando. No início de 1990 já não conseguia fazer trabalho pesado e como não gostava de ficar sem fazer nada, sempre limpava o quintal de sua casa. Por volta do ano de 1996 não teve mais como trabalhar e ficou acamado e no dia 30 de janeiro de 2000 não resistiu e veio a óbito.

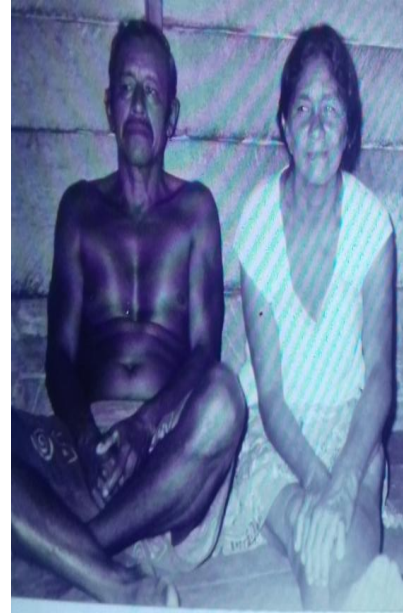
A trajetória de vinda da primeira família

No ano de 1973 o senhor Florêncio Primo dos Santos juntamente com os seus genros Teodoro dos Santos e Olímpio Forte, decidiram sair da Aldeia Santa Isabel em busca de um novo local para fazerem suas roças, por conta de que na aldeia Santa Isabel não estava dando mais certo, já que tinha pouco espaço para fazer roça, assim as roças já estavam muito distantes e tinha bastante formiga de fogo, pois, a entrevistada: Constância, alega que:

“quando a gente ia arrancar mandioca a gente subia em cima de árvores que estavam derrubadas para poder conseguir tirar as mandiocas e isso estava se tornando bastante difícil para nossa família”.

Isso acabava dificultando o trabalho na roça, foi quando subiram o rio Curipi e se depararam com um lugar de terra firme, onde tinha alguns pés de mangueira e resolveram fazer suas roças no local. Como se percebe na fala da Margarida, que o senhor Florêncio falou para os genros, *“vamos subir o rio e procurar um local que de pra gente fazer roça e construir nossas casas”*.

Então decidiram se mudar para o local, na qual primeiramente construíram suas casas, que na época eram bem simples cobertas de folha de buçú e o assoalho de madeira de jussara, sendo que construíram suas casas em uma pequena ilha, bem próximo do local de terra firme onde fizeram suas roças. Com as casas já quase prontas resolveram se mudar para o referido local de nova morada e foram buscar suas famílias.



Figuras 3, 4 e 5: Apresentam as três famílias pioneiras na aldeia Manga, à direita, Teodoro dos Santos e Constância, no centro Florêncio e Divina e à esquerda Olímpio e Margarida.
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

Sobre a nova vida no local as entrevistadas Constância e Margarida, alegam que “a vida mudou bastante, eles passaram a viver tranquilamente, com bastante fartura de peixe e caças, sendo que não precisavam ir tão longe para pegar o alimento, enquanto que na aldeia de Santa Izabel já estava ficando escasso o peixe e a caça, por conta da quantidade de famílias que moravam no local” A fartura de peixes é facilmente observada na figura 6, de Teodoro chegando da pescaria.



Figura 6: Teodoro chegando da pescaria, em 1980.
Fonte: Acervo Pessoal

Depois de alguns anos, as famílias resolveram sair da ilha e se fixar no local de terra firme, onde tinham suas roças. Nesse contexto outras famílias começaram a chegar para morar no local e como de costume, todos pediam licença do senhor Florêncio, por ser o mais idoso e considerado fundador do local. Então Florêncio, segundo, Constância e Margarida,

era um homem de bom coração e jamais negava as coisas, então quando alguém chegava pedindo para construir sua casa, seu Florêncio costumava falar: podem escolher o lugar que acharem bom para morar e podem construir suas casas.

O lugar que mais tarde se tornaria “aldeia Manga” era um lugar bastante frequentado por pescadores, que ficavam dias em busca de caças e peixes, nesse sentido, comiam manga e jogavam o caroço na terra e acabou nascendo os pés de mangueira o que deu nome ao lugar. De acordo com entrevistada, Constância:

neste local já havia morado várias famílias, porém, não permaneciam por muito tempo, pois, alegam que as pessoas não permaneciam porque existia o bicho conhecido por matinta pereira³, por conta do medo, acabavam abandonando o lugar.

Portanto, no local que mais tarde se chamaria aldeia do Manga já havia morado pessoas, porém a primeira família ao se fixar definitivamente e fundar a aldeia Manga foi a família de seu Florêncio Primo dos Santos e dona Divina dos Santos, acompanhados de seus genros Teodoro dos Santos e sua esposa Constância Monteiro dos santos, seu Olímpio Forte e sua esposa Margarida Monteiro dos Santos, esses foram os primeiros que chegaram e fizeram a limpeza do local e resolveram se mudar definitivamente da aldeia de Santa Izabel.

Logo em seguida, começaram a chegar às primeiras famílias, que neste caso foi a de seu Henrique dos Santos e Antônio dos Santos. Ao chegarem, pediram licença de seu Florêncio Primo para construírem suas casas, várias famílias foram chegando, construíam suas casas, faziam suas roças e assim a comunidade foi crescendo.

³ Ser sobrenatural, que faz parte do mito dos Karipuna, o aparecimento desse ser, na mata, próximo as casas poderia fazer uma pessoa passar mal, sentir dor de cabeça e até matá-la.

Antes da chegada das primeiras famílias, no ano de 1968 iniciou a abertura do pico⁴ do ramal do Manga, para chegar a BR 156, no sentido de facilitar o acesso dos indígenas ao município de Oiapoque, porém o local, ainda era uma mata virgem, Florêncio visou a facilidade de que o pico iria trazer para se deslocar até Oiapoque. Tanto é que Constância, afirma que

“quando a gente ainda morava na aldeia de Santa Izabel eu tive que viajar para Belém com minha filha que estava doente e eu lembro que no nosso retorno nós tivemos que retornar pelo pico que estava recém aberto, aí a gente andou desde o quilometro 18 até a beira do rio e como minha filha tava pequena foram alguns homens para ajudar carregar”

Apesar de ser uma longa caminhada, a viagem a pé até a BR 156 pelo pico que mais tarde se tornou o ramal do Manga (Figuras 7, 8 e 9), diminuiu bastante o tempo de viagem que levava dias pela viagem via marítimo.



Figura 07: Alargamento do Ramal, anos de 1990
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

⁴ O caminho que foi aberto até a BR 156, esse caminho mais tarde se tornou o ramal de acesso da aldeia Manga à BR 156, estrada que liga a aldeia ao município de Oiapoque.



Figuras 08 e 09: Alargamento do Ramal, anos de 1990
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

Logo que o manga foi aberto, todas as casas eram bem simples e pequenas, construídas com madeira de pau roliço, cobertas de folhas das palmeiras nativas buçú e inajá ou de cavaco⁵, eram açoalhadas com troncos da palmeira jussara e emparedas com a própria palha ou por uma madeira conhecida como ripão, já com o passar dos anos, aproximadamente 10 anos depois as casas já foram sendo mudadas (figura 8)



Figura 09: Casa de Margarida, 1980.
Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

⁵ Cavaco é uma espécie de telha de madeira, consiste em lascas damadeira conhecida pelos indígenas como cavaco, muito utilizada na época nas construções de suas casas.

Esse período foi o início da construção de casas com madeira serrada com serrote, como se percebe na foto (Figura 9) que Tassinari (2003) retirou do livro de Ricardo (1983).



Figura 01: Início da Aldeia Manga
Fonte: Tassinari (2003)

No início dos anos 90, começaram as construções de casas com madeiras serradas por motor de serra e algumas casas construídas em alvenaria. Nos dias de hoje a maioria das casas são e estão sendo construídas de alvenaria, e todas bem mobilhadas. A entrevistada Eulinda, afirma que:

houve uma grande mudança na cultura dos moradores da aldeia Manga, pois antes, as casas não tinham luxo e atualmente, praticamente todas as pessoas querem uma casa bonita, coberta de zinco ou brasilit, toda de alvenaria, ate as pessoas que não têm emprego, trabalham na roça, fazem de tudo para ter uma casa bem feita.

Com o passar dos anos a aldeia foi crescendo e o progresso chegando até a aldeia, isso tudo devido ao intenso contado com o não índio morador da cidade de Oiapoque, pois, as pessoas chegavam no Manga com frequência, naquela época o controle de entrada de não índios nas aldeias não era tão intenso como nos dias de hoje.

A partir de então, a aldeia Manga foi crescendo e cada vez mais as pessoas iam chegando e acabou se tornando a maior aldeia do povo Karipuna, localizada no município de Oiapoque, Terra Indígena Uaçá. Como descreve Tassinari (2003, p.187) Manga:

Trata-se da maior e mais populosa aldeia Karipuna. Localiza-se na região de terra firme do alto Curipi, cujas margens não são mais constantemente alagadas durante a estação chuvosa. O local sempre foi utilizado pelos Karipuna para alcançarem, a pé, as vilas do rio Oiapoque, quando a época da seca não permitia que usassem o “furo” do Taparabô.

Vale ressaltar, que o primeiro Posto indígena (PI) construído na área indígena Uaçá, foi construído no ano de 1930, na época do serviço de proteção ao índio (SPI), que passou a funcionar no encruzo, na confluência dos rios Uaçá e Curipi, este (PI) foi criado com o principal propósito de fiscalizar a reserva indígena Uaçá. Contudo, no final dos anos 70, com a aldeia do Manga já bem formada, foi construído um PI na aldeia, como descreve Ruffaldi (2014, p.21) “a população karipuna continua sendo atendida pelo PI Encruzo até o final desta década, quando é construído o PI Uaçá na aldeia Manga recém formada, para onde é enviado o chefe de posto Cezar Oda [...]”. A partir daí a FUNAI, passou a atuar internamente na aldeia Manga.

Então, desde quando foi implantado o (PI) da aldeia Manga, vários não indígenas, assumiram a chefia do (PI) e no dia 4 de dezembro de 1986, o indígena Domingos Santa Rosa, foi nomeado como chefe de posto do Manga, permanecendo na chefia por muitos e com a sua saída, no início do ano 2000, Elton Aniká, foi nomeado chefe de posto e em 2005, com a saída de Elton Aniká, Dionísio dos santos Caripuna, assumiu a chefia, permanecendo até o ano da reestruturação dos (PI) das aldeias.

Sobre a religião na aldeia Manga

No início do ano de 1970, o padre Nello Ruffaldi, da religião católica, então representante do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), começa a desenvolver suas atividades religiosas nas aldeias e com a aldeia Manga já formada, a religião católica começa a fazer parte da tradição deste povo, onde em seguida é construída a primeira igreja católica na aldeia, até então era a única religião existente, muitas

peessoas passaram a frequentar a igreja e adotaram a religião católica, pois, passaram a desenvolver as praticas culturais da religião.

Em meados dos ano 2000, a religião evangélica começou a entrar na aldeia Manga, inicialmente acontecia na casa do indígena Claudio Aniká, que era, líder/pastor da religião, com o tempo a própria casa foi transformada na primeira igreja. Atualmente a religião católica caiu um pouco, enquanto que a religião evangélica passou a dominar a população, pois, já existem 3 grande igrejas e outras previstas a serem construídas.

A aldeia está dividida no que diz respeito a religião, como esclarece a entrevistada Eulinda,

desde quando a religião evangélica entrou na aldeia Manga, muitas pessoas mudaram de religião, praticamente a metade da população, mas, eu continuo sendo católica, seguindo as tradições do meu povo, sempre participo das festas religiosas, como as festas de santo, que são comemoradas praticamente em todas as aldeias Karipuna e participo do ritual do turé, sempre quando tem na aldeia.

Essa é a atual configuração religiosa da Aldeia Manga, com a ascensão da religião pentecostal, mas os costumes indígenas ainda estão ativos na comunidade, como afirma Eulinda sobre o Turé.

Sobre a chegada da escola na Aldeia

Conforme a entrevistada Constância, com a comunidade já bem formada, a educação chegou até a aldeia, nessa época ainda não tinha prédio escolar, as aulas passaram a acontecer na casa do seu Antônio dos santos, que ficava bem próxima do rio, atual porto do manga.



Figura 10: Aldeia manga em 1983, a primeira escola pode ser observada acima, no canto direito, casa branca.

Fonte: Acervo de Dionísio dos Santos

No ano de 1975 Medina, o primeiro professor, foi encaminhado para trabalhar na aldeia Manga. Constância alega que *“todos os pais concordaram de ter um professor onde pudesse educar seus filhos e também para que eles pudessem se comunicar com os brancos”*. A entrevistada explicou ainda, que a escola para os moradores da aldeia manga, não era mais novidade, pois quando vieram de Santa Izabel seus filhos já estudavam daquela aldeia e naquela conjuntura, a escola era de fundamental importância para a alfabetização das crianças.

Conforme o PPP da escola da Aldeia, Escola Jorge Iaparrá, o primeiro prédio escolar da Aldeia Manga foi construído no ano de 1981, através de um convenio firmado com a prefeitura do Município de Oiapoque, como afirma Ricardo (1983, p.79) *“no Manga, existe um pré-escolar do casulo-LBA desde 1981. Através de um convênio, a prefeitura construiu o prédio, a LBA fornece o material e dá uma gratificação para a professora Francineide [...]”*. E mais tarde em 1988 foi construído outro prédio escolar pela Prefeitura Municipal de Oiapoque.

Nessa época a FUNAI era a instituição responsável por conduzir a educação na área indígena, alguns anos depois, o CIMI, começou a atuar nas comunidades indígenas, na responsabilidade do padre Nello Ruffaldi, nesse caso o CIMI entra em

parceria com a FUNAI na organização das escolas indígenas (PPP da escola Jorge laparrá, 2015).

No início do ano 2000, o governo do estado do Amapá construiu outro prédio. O estado passou a assumir a educação escolar, a escola passou a ser reconhecida como Escola Estadual Jorge laparrá, depois com a mudança da nomenclatura de todas as escolas indígenas, passou a ser chamado de Escola “Indígena” Estadual Jorge laparrá, pois, de acordo com o PPP da escola, (2015) e a entidade mantenedora é o Governo do Estado do Amapá, sob a Portaria de Criação, de Nº 234/2000 SEED e o Decreto de nº 5402 de 11 de novembro de 1994.

Ainda de acordo com o PPP da escola (2015), atualmente a Escola atende alunos indígenas da etnia Karipuna, e alguns alunos das outras etnias. Quando o Ensino Médio foi implantado na Aldeia Manga até o ano de 2008, os alunos eram matriculados pela Escola Estadual Joaquim Nabuco, localizada na cidade de Oiapoque, ou seja, o Ensino Médio era anexo da Escola Joaquim Nabuco. Já em 2009, a escola Jorge laparrá assume o Ensino Médio, na época, estudavam 69 alunos, divididos entre o 1º, 2º e 3º ano e eram atendidos primeiramente pelo do Sistema de Organizacional Modular de Ensino (SOME) e mais tarde passou a ser atendido pelo Sistema de Organizacional Modular de Ensino Indígena (SOMEI).

Atualmente a escola tem um corpo docente de 25 professores regentes; 1 diretor; 1 secretário e 1 pedagogo e vem atendendo em média 470 alunos divididos em: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Da educação infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, a modalidade de ensino é regular, na qual atuam os professores indígenas. Enquanto que o Ensino Médio continua sendo atendido pelo SOMEI em regime modular, os módulos acontecem em 50 dias letivos na Escola indígena, trabalhando diferentes disciplinas por modulo, nele atuam professores indígenas e não indígenas pertencem ao quadro efetivo do Estado do Amapá.

Sobre a população e a atual estrutura da Aldeia Manga

Com base no censo da FUNAI do ano 2017, a população da aldeia Manga é de 835 pessoas, sendo um total de 139 crianças do sexo masculino e 135 feminino, na faixa etária de 0 a 13 anos; 264 da faixa etária de 14 à 50 anos, do sexo masculino e 222 do sexo feminino; 39 do sexo masculino na faixa etária de 50 anos

em diante e 36 do sexo feminino. Essa é a atual população da aldeia manga. Vale ressaltar que neste censo não é incluso os indígenas do manga que residem nas cidades, pois muitos indígenas trabalham a cidade, mas todos os finais de semana estão na aldeia.

Portanto, se percebe o quanto a Aldeia Manga cresceu, tem bastante casas, de vários tamanhos e modelos. A diferença no número de casa pode ser percebida se compararmos a figura 10 do início da aldeia, quando ainda tinha poucas casas, com a foto retirada de uma maquete construída pelos funcionários do posto de saúde da referida aldeia (Figura 11).



Figura 02: Maquete da atual Aldeia Manga
Fonte: Acervo do Posto de saúde da comunidade (2017)

A aldeia do Manga por ter essa estrutura de casas, estar de certa forma urbanizada e aparentar uma comunidade bem moderna, não significa que o lugar deixa de ser uma aldeia, muito menos as pessoas por não apresentarem tanto os traços indígenas e apresentem o mesmo comportamento do não indígena, deixam de ser indígena, pois a cultura é mutável, ou seja, a cultura muda de acordo com a realidade.

Os costumes atuais apresentados pelos moradores da Aldeia Manga tem a ver com as mudanças na sociedade nacional e isso não significa que deixam de ser indígenas. Tanto é que Gallois e Grupioni, (2003, p.50,51), afirmam que, os povos indígenas,

[...] apesar de partilharem conosco o acesso a praticamente tudo que o mundo contemporâneo nos permite, em termos de bens de consumo e de informação, estamos diante de sociedades muito bem estruturadas que possuem modos próprios de viver e de explicar o mundo em que vivem, e que estes modos próprios são suficientemente versáteis para conviver com os nossos. Ao contrário do que muitas vezes tendemos a pensar, a adoção de novos costumes pelos índios não representa um caminho sem volta em direção à perda definitiva de suas culturas. Assim como os brasileiros não deixam de ser brasileiros por consumirem produtos importados e adotarem modas estrangeiras, é justamente porque têm a capacidade de mudar e de se adaptar aos novos acontecimentos que as culturas nunca se perdem, mas estão em constante processo de transformação. Em cada sociedade estes processos podem ser mais lentos ou acelerados, mas nunca deixam de estar presentes.

Portanto, atualmente essa é a estrutura da Aldeia Manga e a tendência da aldeia ainda é crescer cada vez mais, pois, a preferência de moradia no local se dá por conta de ser uma aldeia localizada em terra firme e próximo da cidade, por ter energia 24 horas, uma escola indígena considerada de qualidade e mais recentemente por ter cobertura de internet e um Mini Hospital, então esses fatores estão contribuindo para o crescimento da aldeia Manga. Portanto, a aldeia manga é a maior aldeia da etnia Karipuna, apesar do crescimento constante e as tecnologias que existem na aldeia, os indígenas ainda mantêm firme a cultura e identidade da etnia Karipuna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho é apresentar o histórico de fundação da Aldeia Manga, com ênfase no processo de transição da primeira família que habitou definitivamente a referida aldeia. Para isso foi necessário primeiramente fazer um histórico sobre a etnia Karipuna, apresentando a trajetória de vida desse povo no município de Oiapoque.

Foram discutidos os aspectos históricos dos Karipuna e sua vinda para o Curipi, fazendo uma pequena reflexão sobre a trajetória do povo indígena Karipuna. Verifiquei que vários autores que falam sobre a etnia Karipuna. Na afirmação de alguns, a etnia Karipuna migrou de outros estados do Brasil, enquanto que outros afirmam que há séculos, essa população já existia vivendo na área do município de Oiapoque. Entre o certo e o incerto, atualmente a etnia Karipuna é considerada

heterogênea, ou seja, um povo formado por varias nações, que vivem a maior parte na Terra Indígena Uaçá, nas margens do Rio Curipi.

Apresento ainda o histórico de acesso dos indígenas ao município de Oiapoque e o papel do porto da Aldeia Manga para a reserva do Uaçá, enfatizando o histórico de acesso dos indígenas Karipuna que moram na reserva indígena Uaçá, desde os tempos remotos, até a atualidade. Antigamente os indígenas tinham que remar das aldeias ate a cidade de Oiapoque passando pelo oceano, com o passar dos anos já iam de barco, porém ainda via marítimo.

No final do ano de 1960, com a abertura do ramal que liga a aldeia manga ate a BR 156, alguns indígenas Karipuna que moram nas margens do rio curipi, começaram a passar pela BR 156 e iam até Oiapoque vender e comprar produtos, sendo que vinham de canoa e paravam no porto do manga e andavam ate a BR. Passados alguns anos, foi disponibilizado um barco que transportava as pessoas ate o manga e com a estrada já pronto tinha um caminhão para levar as pessoas até Oiapoque. Dessa forma o porto do Manga passou a receber muitos indígenas que chegam de suas aldeias e passam pelo manga. Nesse tópico também é destacado a atuação dos marreteiros/regatões que antigamente frequentavam bastante as terras indígenas e que acabaram influenciando a pratica do comercio nas aldeias.

Sobre a história de formação da Aldeia Manga e a trajetória de vinda da primeira família, primeiramente é apresentada a biografia do fundador da Aldeia Manga e posteriormente, se inicia enfatizando sobre a história das primeiras famílias que chegaram e se estabeleceram definitivamente na referida aldeia, nesse sentido é dado bastante ênfase acerca dos motivos que levou as famílias a fundarem a referida aldeia, como se estabeleceram inicialmente e finalizo com a descrição sobre a Aldeia Manga nos dias de hoje, sua estrutura e processo de crescimento.

Diante do exposto, saliento de modo geral, que esse trabalho, tem um significado muito grande, na qual deixo por escrito a trajetória de chegada do povo Karipuna, habitante da reserva indígena Uaçá, área do rio Curipi, contextualizando sobre as diversas teorias existentes acerca da identidade da etnia Karipuna. A aldeia manga por ser a aldeia mais próxima da cidade, acaba recebendo mais influência e apresenta uma forte estrutura tecnológica, se comparando com as demais aldeias da etnia Karipuna.

Portanto, este trabalho é importante para a comunidade do Manga, a partir do momento que se registra a trajetória de fundação, descrevendo passo a passo sobre

como se procedeu para se chegar a estrutura que se apresenta atualmente a aldeia. Pois esse trabalho se torna ainda mais importante por eu fazer parte da família que fundou a aldeia manga. Enquanto que para meu desenvolvimento pessoal e profissional teve grande significância, por ter me instruído a produção de um trabalho científico e que me trouxe grandes conhecimentos sobre meu povo, que antes por mim era desconhecido, um aprendizado que vou levar para toda a vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Julieta de. **Cultura Crioula e Lanc-Patuá no Norte do Brasil**. 2 ed. – São Paulo: GHG, 1988.

APIO, Associação dos povos indígenas do Oiapoque. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque**. Oiapoque: APIO, 2009.

GALLOS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. **Os povos indígenas no Amapá e norte do Pará**. 2ª edição, Rio de Janeiro. Ponto de cultura “arte e vida dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará”(Iepé e Iphan-MinC), 2009.

O MENSAGEIRO, **A libertação dos povos indígenas ou é feita pelos índios ou não é libertação**, 4º, junho de 1980.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

RELATÓRIO, Assembleia dos chefes e representantes dos povos indígenas da região de Oiapoque. 1ª assembleia, Aldeia Kumarumã, 1976.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas no Brasil 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No Bom da Festa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VIDAL, L. B. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque**: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. 2ed. Museu do Índio e IEPÉ. Rio de Janeiro, 2009.